

CONCEPÇÕES DE VIOLÊNCIA ESCOLAR: UM ESTUDO COMPARADO BRASIL ESPANHA

SILVA, Joyce Mary Adam de Paula e - UNESP
joysilva@uol.com.br

LANZONI, Sônia Lopes - UNESP
sonialz@linkway.com.br

Área Temática: Violências e convivência nas Escolas: Complexidade, diversidade e
multirreferencialidade;

Agencia Financiadora: CAPES

Resumo

O presente trabalho trata-se da análise do conceito de violência em duas escolas, uma no interior do Estado de São Paulo e uma na Comunidade de Madri na Espanha. Este estudo é resultado de uma pesquisa que busca desvendar as relações existentes entre clima organizacional da escola e violência escolar. A análise do conceito de violência, é um dos aspectos abordados na referida pesquisa e teve como foco central a concepção que professores e alunos das duas escolas têm a esse respeito. Trata-se também de um estudo comparado entre dois países, diferentes em muitos aspectos, mas que se assemelham em termos da natureza da violência escolar no tocante às origens dos processos de produção da mesma. Dessa maneira, o estudo comparativo permite a análise da concepção de violência de professores e alunos com a preocupação de desvendar aspectos que permeiam o imaginário dos indivíduos em diferentes contextos. Considera-se que o estudo de tais aspectos contribui para o desvelamento da natureza das interações e do clima organizacional permitindo fazer uma análise dos processos de produção da violência na escola. A metodologia da pesquisa utilizada foi a da observação das atividades, questionários e entrevistas a professores, alunos e direção das escolas. As análises de tal estudo encontram-se ainda em finalização, sendo que são apresentadas neste artigo algumas conclusões preliminares. Concluiu-se em tais análises preliminares, que tanto professores quanto alunos destacam como sendo violência, em especial os aspectos exteriores como agressão física, maltratos verbais entre colegas e a intimidação. Não é levada em conta, por professores ou alunos as dimensões simbólicas da violência, que existe nas duas escolas.

Palavras chave: Incivilidade; Violência; Violência na Escola.

Introdução

Estudos teóricos e empíricos sobre a violência nas escolas orientam-se para uma atitude de equilíbrio no seu entendimento, recusando uma definição que maximiza os fatos,

contribuindo para o exagero, o pessimismo e sensacionalismo. Ao mesmo tempo valoriza as percepções das vítimas, muitas vezes silenciosas, e fatos de pequena ou grande dimensão que vêm ocorrendo nas instituições escolares.

Neste artigo apresentamos a análise de alguns dados de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida em uma escola brasileira e uma escola espanhola com respeito ao clima organizacional da escola e violência escolar. Dentro desta temática enfocamos neste momento uma das categorias trabalhadas na pesquisa que são as concepções do que é violência para professores e alunos das duas escolas, apresentando uma discussão sobre tais conceitos.

Para desenvolver esta pesquisa foram realizadas visitas freqüentes às escolas, análise de seus documentos, participação em diversas reuniões, elaboração de questionário que foi respondido por alunos e professores e efetuadas entrevistas com diversos dos atores escolares.

Cabe aqui também um esclarecimento sobre a compreensão de estudo comparado que adotamos. Nóvoa, citado por Malet (2004, p.1302) afirma que nos estudos em educação comparada *“a análise não toma mais como referência contextos definidos segundo a visibilidade de seus contornos geográficos, políticos ou sociais, mas contextos definidos segundo a invisibilidade das práticas discursivas que lhes dão sentido”*. Assim, em nosso estudo essa invisibilidade das práticas discursivas é composta pelo imaginário criado pelos espaços de reconhecimento identitários infra ou transnacionais que teriam forte influência das regulações políticas e de difusão cultural mundializados. O estudo comparado que aqui apresentamos tem então a preocupação de desvendar aspectos que permeiam o imaginário dos indivíduos em diferentes contextos e que definem a relação com o outro.

A escolha do estudo comparado entre uma escola na Espanha e uma no Brasil se deu principalmente pelo fato de que a Espanha tem desenvolvido, desde a década de 90, projetos de prevenção da violência escolar. Tais projetos têm sido implementados em ação conjunta entre órgãos do governo espanhol e a Universidade Complutense de Madri.

Violência na escola – algumas conceituações teóricas

Referindo-se a Bonafé –Schmitt, Debarbieux (2002) faz uma diferenciação entre violência e incivilidade. Considera que utilizar o termo violência ao se referir a uma amplitude de fenômenos, como agressão física, extorsão, vandalismo e o que é conhecido como incivilidade: linguagem rude, humilhação, xingamentos, é não utilizá-lo bem.

Para Fernández (2004) violência é o uso desonesto, prepotente e oportunista de poder de uma sobre outra pessoa. O fenômeno da violência transcende a conduta individual e se converte em um processo interpessoal porque afeta ao menos a dois protagonistas: quem exerce e quem padece o ato violento. Existe também um terceiro afetado: quem contempla sem poder, ou querer, evitá-la.

Para a autora o fenômeno da violência no âmbito da convivência transcende o fato isolado e esporádico e se converte em um problema escolar de grande relevância porque afeta as estruturas nas que deve produzir-se a atividade educativa. A violência implica a existência de uma assimetria entre os sujeitos que se vêem envolvidos e a confrontação supõe abuso de poder sobre o mais indefeso.

Para a autora a violência tem todas as possibilidades de aparecer em um clima onde as normas sejam arbitrárias, elaboradas à margem da participação dos alunos, inconsistentes ou pouco claras.

Numa definição limitada, considerada por Ballion conforme Debarbieux (2002, p.62) há violência “quando há abuso, ameaça, intimidação, danos físicos a outros, danos ou destruição intencional de pertences”. Chesnais conforme o autor, explica que o termo violência deve se ater ao seu núcleo bruto que implica violência física grave, homicídio, estupro, danos físicos, roubo ou assalto armado. Para ele, utilizar o termo violência referindo-se à violência moral ou simbólica é fazer mau uso do termo.

Para Debarbieux (2002) a recusa a ouvir o que as vítimas têm a dizer ou a negativa de que sejam vítimas, é uma violência. Em especial as vítimas da violência simbólica que é a mais violenta, pelo fato de ser oculta.

Conforme Bourdieu (1989) a violência simbólica embora não agredindo o físico, o faz no plano da significação. Está estreitamente ligada à noção de arbitrariedade cultural e é muitas vezes imperceptível aos olhos de quem não faz parte do mesmo universo. Pode ser exercida por diferentes instituições como o Estado, a escola, a igreja, a mídia etc. A

violência simbólica só consegue ser exercida com o consentimento do indivíduo ou grupo dos que não querem saber que estão sujeitos a ela, ou a exercem.

Debarbieux (2002) entende que o uso não correto das palavras pode levar a que qualquer ato de incivildade seja entendido como um perigo grave, um prenúncio ao crime e também à intolerância, levando a adotar políticas repressivas que tenderiam a criminalizar entre outros, a pobreza, justificando políticas de supervisão excessivas, pois o uso amplo da palavra violência não apenas descreve o mundo social, mas também o interpreta.

Diferentes percepções e abordagens sobre a violência na escola são tratadas pelas pesquisas européias. Os resultados de estudos, conforme Blaya (2002) oscilam entre o enfoque psicológico, individual (problemas comportamentais) e o sociológico e criminológico (delinquência, desemprego, pobreza e exclusão social) e é dado ênfase ao aspecto psicológico, em especial a problemas comportamentais como a hiperatividade e também à intimidação feita por colegas (bullying) e suas conseqüências psicológicas.

Para Fernández (2004) este fenômeno se dá em todos os centros escolares com mais ou menos intensidade, e reclama o interesse dos educadores, pois pode representar um grande dano psicológico, social e físico para o aluno que o sofre, o exerce ou o contempla abarcando uma ampla gama de condutas que pode concluir no maltrato pessoal entre companheiros, intimidação psicológica ou repulsa social.

Para Fernández (2004) estão envolvidos não apenas aqueles que desenvolvem o processo de intimidação, humilhações, agressões, mas também os que, ao não participar, consentem (colegas), ou desconhecem (pais e professores) o ato, e, em ambos os casos, reforçam a ação intimidadora por não participar ou consentir.

Conforme Debarbieux (2002, p. 66), Dubert afirma que a violência na escola é caracterizada por um “clima de indisciplina que é paradoxalmente mais tangível que os atos que o geram” e as pessoas na escola convivem com este clima e são afetadas por ele.

Violência escolar, os fatores de risco e as mobilizações possíveis.

O tema violência nas escolas vem sendo muito propagado pela mídia que lhe dá destaques espetaculares, apresenta explicações pouco consistentes ao falar sobre declínio dos padrões familiares e organizacionais, culpabilizando as propagandas veiculadas pela TV

e videogames, as famílias desestruturadas e a migração. São discursos alarmistas que precisam ser desconstruídos. (DEBARBIEUX, 2002)

Embora pesquisas mostrem que o maior risco de que jovens venham a desenvolver comportamentos de violência esteja em famílias desestruturadas, mostram também que este fato não pode estar isolado de outros fatores, pois, apenas o acúmulo deles pode levar a um risco real.

O autor propõe que sejam enfocadas as características que possibilitam a uma escola ver-se ou não envolvida com a violência e as possibilidades de mobilização coletiva no seu interior em conjunto com parcerias externas para tentar lidar com este fenômeno e aponta a importância da estabilidade dos professores para construir uma “cultura escolar” que identifique a escola e sem a qual “nada é possível” (DEBARBIEUX, 2002, p.74).

Pesquisas demonstram que a violência na escola deve ser investigada macro e micro sociologicamente (DEBARBIEUX, 2002), pois suas causas são tanto exógenas quanto endógenas. A violência é construída socialmente e pode ser desconstruída a tempo. A redução do número de vítimas e do grau de vitimização atesta a significância de políticas de intervenção.

Com relação ao aspecto macro, estudos desenvolvidos nos Estados Unidos e França identificaram que o risco de uma criança se ver em um tiroteio em uma escola é de um para um milhão, portanto uma possibilidade remota que não justifica política repressiva. O Ministério de Educação francês fornece dados de 1998-1999 bastante baixos de incidentes graves nas escolas: 0,12%, e ainda assim, os incidentes que ultrapassaram a violência verbal envolveram 0,02% das crianças em idade escolar. (DEBARBIEUX, 2002)

Desta forma, a partir de dados oficiais não é possível afirmar que haja barbarismo nas escolas. Dados obtidos em pesquisa no Canadá, França e Inglaterra identificaram 4% de casos com participação de grupos externos à escola sendo, portanto, inverdade, que a escola esteja sitiada. Na França menos de 1% dos casos de agressão envolvem pais e menos de 2% envolvem funcionários, o que leva a concluir que os atos de violência grave são bastante baixos e supervalorizados pela mídia.

Levantamentos de vitimização realizados por Baya e Debarbieux (2002) demonstram que o estresse acumulado pela microviolência pode ser tão desestabilizador quanto um único ataque com gravidade. Violência repetida, tênue, quase imperceptível,

mas que vai se acumulando e pode resultar em graves danos, traumas profundos nas vítimas, baixo nível de auto-estima, introversão, além de um sentimento de impunidade no causador da mesma.

Blaya (2002) constatou que a ofensa verbal foi a forma de violência mais freqüente nas escolas pesquisadas seguido pelas brigas, roubo e extorsão. Escolas que se encontravam envolvidas com o problema das drogas apresentaram maior nível de vitimização.

Para Blaya (2002) outros fatores influenciavam positivamente e compensavam os efeitos da vitimização, na opinião dos alunos com relação à suas escolas.

Entre estes fatores é possível considerar a existência e manutenção de um clima harmonioso de convívio entre professores e alunos, obtida através de ações pontuais e/ou permanentes no ambiente escolar. Os resultados da pesquisa demonstraram que alunos se sentiam mais seguros e felizes, sentiam menos vitimização nas escolas em que os professores passavam cerca de 30 horas por semana, o que permitia conhecer melhor alunos e colegas. Professores desenvolviam tarefas de tutoria e coordenação extracurricular que ajudavam a construir relações mais próximas e positivas com os estudantes e coordenavam atividades alheias à sua especialização acadêmica e, portanto, podiam ser vistos pelos alunos como pessoas. A disciplina na escola era responsabilidade coletiva de todos os adultos, que por esta razão mantinham-se alertas para os casos de violência e vitimização.

Foi constatado na pesquisa que nas escolas onde professores e gestores estabeleciam relações mais próximas e pessoais com os alunos, aliadas a uma administração escolar firme, justa e harmônica, havia redução da violência, pois, as regras eram conhecidas e aplicadas com retidão. (BLAYA, 2002).

A violência na escola é construída lentamente e de forma irregular, o que significa que a prevenção deva começar cedo, fazer parte do cotidiano da educação e não apenas de grandes campanhas, o que só vai ser possível através de parceria estrita entre professores, pais, especialistas, serviço público, comunidade e os próprios alunos, explica Debarbieux (2002).

Parece ser mais comuns entre as formas de violência, nas escolas de elite a intimidação por colegas, os comportamentos de risco (uso abusivo de drogas) e as fases depressivas, enquanto nas de classe trabalhadora ocorrem em maior número o comportamento agressivo, a violência física, o ataque contra adultos. A exclusão social tem

sido considerada por alguns estudiosos como uma das grandes causas da violência. Grupos étnicos minoritários tornam-se vítimas deste tipo de violência e desenvolvem comportamentos reativos, portanto, para lidar com a violência é necessário atentar para os problemas da exclusão. (DEBARBIEUX, 2002).

Para Fernández (2004) elementos exteriores à escola, ainda que decisivos na formação da personalidade dos alunos, escapam da ação direta e controlada de dentro do recinto escolar. São: o contexto social, as características familiares e os meios de comunicação. Por outro lado, existem elementos endógenos ou de contato direto dentro da unidade escolar, que devem ser tratados para prevenir e/ou responder aos atos violentos ou conflitivos dentro das escolas, que são: o clima escolar, as relações inter-pessoais, as características individuais dos alunos em conflito.

A explicação de maior aceitação para comportamentos de violência na adolescência dá ênfase às influências sociais, quando os jovens se libertam gradualmente do controle dos pais e são influenciados por seus pares. A agressividade infantil prenuncia violência juvenil, pois, as pessoas mais agressivas em determinada idade têm a tendência de o serem em idades mais avançadas. (FARRINGTON, 2002).

Os jovens transgressores demonstram, além desta característica, problemas de outra natureza como: não comparecimento a aulas, mentiras, promiscuidade sexual, uso de tóxicos. Alguns fatores como hiperatividade, impulsividade, problema de atenção, baixa inteligência e desempenho escolar deficiente podem levar à violência, assim como o nervosismo e a ansiedade.

Para o autor, fatores familiares também prenunciam violência futura como: pais agressivos que se utilizam de disciplinamento severo e punitivo com os filhos, conflito entre os pais e supervisão parental deficiente e também que em geral jovens residentes em áreas urbanas são mais violentos que os moradores de áreas rurais, e os das áreas urbanas com altos índices de criminalidade são mais violentos que os residentes em bairros de baixa criminalidade.

É possível observar, portanto, que os diversos estudos que analisaram fatores de risco, apontaram os psicológicos, familiares, socioeconômicos e de vizinhança como os que contribuem para as diferenças existentes entre os indivíduos.

Para Farrington (2002) perante a ocasião e a possibilidade de praticar a violência são acionados os processos cognitivos que examinam os custos e benefícios da ação, as probabilidades de risco e as conseqüências (vantagens, castigos, rótulos). As teorias explicativas da violência, portanto levam em conta os elementos cognitivos (percepção, memória, processos decisórios), o aprendizado social e as abordagens causais de fatores de risco.

Conforme Blaya (2002) as crianças excluídas socialmente eram mais propensas a sofrer marginalização na escola ou serem expulsas, vindo futuramente a se verem relegadas à periferia da sociedade.

Apesar de avaliações apontarem a crescente mobilização contra o vandalismo e identificarem escolas mais afetadas pela violência por estarem localizadas em áreas consideradas mais difíceis, considera-se que o efeito exercido pela escola é significativo.

Os programas de prevenção da criminalidade são vinculados aos fatores de risco. Eles visam identificar e programar métodos preventivos para combatê-los. Como os fatores de risco são os mesmos (consumo de álcool, violência, problemas de saúde mental, fracasso escolar) para diferentes problemas sociais, os programas de prevenção podem exercer efeitos positivos a um grande número de ocorrências.

Conforme explicam pesquisas realizadas por diversos estudiosos apontados por Blaya (2002) o valor consagrado ao desempenho do aluno, aos seus trabalhos acadêmicos contribuía para o sentimento de pertença e reforçavam a cultura da escola. Expectativas positivas, confiança na capacidade dos alunos e forte participação de toda comunidade eram componentes que criavam um melhor clima organizacional.

Professores também necessitam de reconhecimento, indicam os resultados da mesma pesquisa. Eles executam um trabalho difícil, são submetidos a muitas críticas, apontados como únicos responsáveis pelo fracasso de seus alunos e pelos problemas da violência na escola. Sentiam-se pouco à vontade ou preocupados com seu trabalho, tinham opinião desmerecedora sobre si próprios e sua capacidade profissional. Acabavam por desenvolver atitudes agressivas ou pouco positivas com relação aos alunos, chegando a tratar os mesmos com autoritarismo e descortesia.

Ponto, positivo, identificado na pesquisa foi que a avaliação, feita pelos inspetores escolares de muitas escolas inglesas recaía sobre a política geral e a atmosfera da escola,

sobre seu clima organizacional, encaminhando para que as mesmas se preocupassem com a maior colaboração entre os colegas e a valorização de seus trabalhos.

Apesar de isoladamente a escola não conseguir resolver a totalidade dos problemas da violência, ela tem responsabilidade sobre o comportamento dos alunos e deve implementar ações que possam aumentar o sentimento de pertença de todos os atores, minimizando a violência de seu cotidiano, e maximizando “a qualidade geral das relações e interações entre os diferentes atores da escola” (BLAYA, 2002, p.226).

A solução dos problemas de violência (BLAYA, 2002) não é vinculada à instalação de sistemas de segurança, mas à introdução de fatores que venham dispor maior organização na própria escola e em todo o sistema.

Para a autora alguns destes fatores são: relações entre professores e alunos baseadas na comunicação mais intensa, atividades extracurriculares, disciplina justa e coerente, desenvolvimento do sentimento de pertença à escola e da melhoria da auto-estima, inspeção que não leve em conta apenas aspectos acadêmicos mas o trabalho em equipe.

Além dos fatores pertinentes à escola, para a autora é preciso levar em conta a influencia da comunidade externa. Escolas de áreas carentes que enfrentam maiores dificuldades por situarem-se em bairros de baixa renda necessitam de mobilização política no sentido de injetar novos e suficientes recursos, por parte dos governos, para que a sua situação não venha a piorar ainda mais, colocando em risco a segurança dos alunos e a qualidade do ensino.

Análise de dados: o conceito de violência

Para os alunos do Colégio Santamarca, violência é definida utilizando-se multiplicidade de termos: menosprezar, discriminar, molestar, agredir, insultar, causar danos, provocar, desrespeitar, pressionar, meter-se com alguém sem ter direito de fazê-lo, desrespeitar, caçoar, maltratar, abusar, atentar, atacar. Entretanto encontramos algumas explicações para violência muito elaboradas:

Tudo aquilo que possa molestar física ou moralmente a uma pessoa.
É aquela que causa danos físicos ou psicológicos entre duas ou mais pessoas.
Bater ou insultar a outros sem nenhum motivo, e porque te apetece e sem nenhum apreço a esta pessoa.

Insultar, pressionar alguém por diversão.
 Não respeitar os demais, discriminá-los por qualquer razão.
 Causar dano com intenção.
 Abusar seja psicológica ou fisicamente de uma pessoa, que por qual motivo que seja não pode ou não sabe se defender.
 Atentar contra a dignidade e liberdade de qualquer pessoa.
 Atacar por maldade a quem não pode se defender.

Os professores do Santamarca explicam o que consideram violência e onde ocorrem com mais frequência na escola:

Pode ser física e verbal e creio que se dá com maior frequência, sobretudo nos momentos em que há trocas de classes, no pátio e na saída do colégio.
 É agressividade de qualquer grau e de qualquer forma (verbal, psicológica, física) entre alunos, entre pais e professores e entre alunos e professores.
 Ofende-se ao outro por não compartilhar as mesmas idéias e sentimentos. Ocorre nos corredores, trocas de classe e recreio.
 É um atentado contra os direitos da pessoa tanto físico como psíquico. Dá-se nos pátios do recreio e alguma vez ou outra no refeitório e nas aulas.
 Qualquer agressão premeditada tanto física como verbal ou gestual e se dão nos recreios e corredores.
 Considero violência qualquer falta de respeito por leve que pareça, porque se consente o pouco, se chega ao muito.
 É sentir-se ameaçado, violentado na intimidade, agredido física ou psicologicamente. Acontece quando não há professores presentes.
 Agressão verbal como física. Sobretudo entre alunos maiores ainda que também exista entre pais.

Fernandez (2004, p.28) assegura que

A violência tem todas as possibilidades de aparecer em um clima onde as normas sejam arbitrárias, elaboradas à margem da participação dos alunos/as, inconsistentes e pouco claras, sem que os implicados em seu cumprimento saibam quando são obrigatórios os cumprimentos e quando podem não cumprir-se, porque não exista uma clara especificação de até aonde chega a liberdade individual e até aonde a liberdade de cada um deve reduzir-se em função do respeito aos direitos dos demais. Por duas razões básicas: o marco cultural não oferece critérios de referência para elaborar pautas claras de convivência e a inconsistência na aplicação das normas impede saber o que será considerado como correto e o que como incorreto.

No Colégio Santamarca as normas de convivência estão discriminadas em um Plano de Convivência, são muito conhecidas por todos, trabalhadas no cotidiano e aceitas pela coletividade. Para os alunos do Santamarca a indisciplina ou violência ocorrem em ocasiões e locais pontuais: classes sobre regência de determinados professores, na porta ao lado de fora do colégio, no pátio, no refeitório por parte da cuidadoras e no recreio, embora alguns deles não tenham percebido violência na escola.

É possível deixá-los explicarem-se:

Sinceramente, em nenhum lugar.

Creio que não se permite isso.
Dentro do colégio considero que não haja.

Mas outros são enfáticos:

No pátio, de vez em quando, tem briga com alguns amigos e companheiros.
Às vezes no pátio, porém a violência é justo na porta da escola.
Dentro não tem. Na saída há alguns conflitos às vezes.
Sobretudo na hora do recreio e na saída do colégio. Às vezes também nas classes.
Em todos os lugares, porém às vezes, os professores têm medo de alguns alunos e não lhes dizem nada.
No refeitório, por parte dos que cuidam e nas aulas de francês.
Em qualquer parte, especialmente nas classes.
Em algumas classes, nas que os professores não estão muito atentos e não são muito disciplinadores.
Nas aulas de francês e no refeitório, por parte das cuidadoras.

A violência pode também ser indireta, não dirigida a uma pessoa mas para materiais existentes na organização escolar como roubos de pequenas coisas entre companheiros ou de objetos importantes que existam laboratórios, oficinas, explica Fernández (2004). Os roubos de material escolar implicam em supervisão cuidadosa por parte de professores e discussões em momentos específicos, que possam levar a um clima de responsabilidade compartilhada entre os alunos. Os alunos do Colégio Santamarca, em sua maioria afirmam não ter sido vítimas de roubo de objeto dentro da escola por parte de colegas, alguns, entretanto lembram que:

Sim, dinheiro, roupa e livros.
De minha namorada roubaram o celular.
Sim, uma calculadora.
Sim, um lápis, caneta e borracha, nada importante.
Não, porém a amigos meus sim.
Sim, um celular e o MP3.
Não!!! Que se atrevam, vamos...
Sim. Dinheiro, porém, não tem tanta importância.
Sim, me roubaram dois celulares.
Sim um Pen-Drive.

Os alunos da Escola Zita igualmente se referiram a violência utilizando muitas palavras: vandalismo, brigas, xingamento, racismo, ameaças, assassinato, estupro, roubo falta de respeito, assalto, furto, ciúme, espancamento, desordem seqüestro, destruição do patrimônio público. Em suas palavras encontramos a idéia de violência física:

Violência é não poder sair na rua. Ser ameaçado, ter medo de ir para outros lugares. Só ter segurança em casa.
Violência é soco, chute, jogar alguma coisa em alguém nunca na violência você vai conseguir nada de bom
Ameaçar o outro e aquele que foi ameaçado pode se vingar de você com outras maneiras mais graves.
Briga, assassinato, estupro, roubo. Não ter respeito por alguém

Violência é um ato de agredir as pessoas, bater em quem não merece.
 Considero que sejam brigas que podem acabar em morte.
 É uma coisa desagradável. Acho que a maior violência é homem bater em mulher.
 Briga, desordem, vandalismo, destruição do patrimônio público e outras coisas muito desagradáveis.

Alguns definiram de maneira moralista:

Violência é uma pouca vergonha porque tem umas pessoas que não tem o que fazer e vão arrumar confusão
 É um ato sem pensar que muitas pessoas cometem e é muito feio.
 Acho que é uma falta de respeito, você ser roubado, violentado. A pessoa que faz isso não é humana.
 Muito ruim porque a escola não ensina essas coisas.

Outros considerando não apenas aspectos físicos da violência

Não só o que machuca por fora, mas também o que mexe com os sentimentos de alguém.
 Não apenas física, mas também moral. Muitas pessoas agredem a gente com palavras grosseiras e estúpidas.

Os professores da Escola Zita também explicam o que consideram violência e onde ocorrem com mais frequência na escola:

É um ato que fere a individualidade do outro. Ocorre normalmente na saída, no portão.
 Violência é quando calando, desapontamos alunos e colegas.
 Agressão que pode ser verbal, desrespeito, descortesia, mas também física. Pode ocorrer na sala, no corredor, no pátio.
 Rompimento das regras elementares da vida social. Não há violência nesta escola. Qualquer ato de falta de inteligência e pode ocorrer em qualquer lugar da escola.
 Ato ou manifestação que foge ao que é certo e justo. Ocorre no pátio entre alunos, na sala de aula entre professores e alunos.
 Brigas, agressões verbais entre alunos. Ocorre em frente à escola
 A violência ocorre mais entre os alunos, e normalmente é verbal, que tenta atingir a moral das pessoas.

Quanto à violência indireta, dirigida para materiais existentes na organização escolar, pequenos roubos entre companheiros ou de objetos de maior importância que faça parte do patrimônio da escola, os alunos da Escola Zita, em sua quase totalidade afirmam não ter sido vítimas, alguns, entretanto declararam que:

Roubaram uma peça de minha bicicleta
 Roubaram-me um estojo
 Sumiram materiais escolares meus, até hoje não sei como.
 Roubaram minha nota de dez reais.
 Um caderno e nunca mais soube do seu paradeiro
 Balas, dinheiro, lápis e canetas

Considerações finais

É possível perceber analisando alguns dados da pesquisa desenvolvida nas escolas brasileira e espanhola que alunos e professores enfocam as concepções de violência em

seus aspectos exteriores ou físicos como agressão, vandalismo e incivilidade em suas diversas manifestações como linguagem rude, humilhação, mas também ao aspecto psicológico, individual, como o maltrato entre companheiros, ameaças, isolamento, intimidação.

Entretanto professores ou alunos não se deram conta da violência simbólica que existe nas duas escolas. Pelos depoimentos percebe-se que embora havendo casos de violência em ambas, estes são em sua quase totalidade atos de incivilidade que refletem no clima da organização. O fenômeno existe, e reclama o interesse de todos por representar danos psicológicos, sociais e físicos para alunos que o sofrem, exercem ou contemplam.

As duas escolas estão mobilizadas, executando variadas ações dentro de projetos bem elaborados, objetivando minorar ocorrências de atrito entre alunos e professores em especial com relação ao preconceito contra imigrantes e migrantes.

REFERÊNCIAS

BLAYA, C. Clima escolar e violência nos sistemas de ensino secundário da França e da Inglaterra. In: DEBARBIEUX, E. e BLAYA, C. (Org). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

DEBARBIEUX E, Violência nas escolas: divergências sobre palavras e um desafio político. In: DEBARBIEUX, E. e BLAYA, C. (Org) **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

FARRINGTON, D.P. Fatores de risco para a violência juvenil. In: DEBARBIEUX, E. e BLAYA, C. (Org). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.
FERNÁNDEZ, I. **Prevención de la violencia y resolución de conflictos: el clima escolar como factor de calidad**. Madrid: Nancea, 2004.

MALET, R. Do Estado-Nação ao Espaço-Mundo: as Condições **Históricas da Renovação da Educação Comparada**. **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1301-1332, Set./Dez. 2004.